

Interseccionalidades através do pagodão: uma proposta de abordagem sobre metodologias ativas dentro da educação básica.¹

Ronald Miguel Souza da Silva (UFRB/Bahia)

A proposta de trabalho apresentada nesse espaço de debate, refere-se ao projeto de intervenção utilizado no componente de estágio obrigatório, do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O trabalho foi inspirado na trajetória do coletivo Brincadeira de Negão, que se debruçou a estudar sobre as subjetividades e masculinidades racializadas, categorias e estruturas de sentimento que articulam, de modo problemático e contraditório, os sujeitos com às estruturas do Estado e do mercado, sobretudo as influências que perpassam e atravessam o pagodão baiano. O objetivo desse trabalho é estudar os assuntos interseccionais através da ótica do pagodão moderno, e da maneira em que ele pode se apresentar, seja pelo viés da opressão ou pelo viés da representatividade e empoderamento feminino, e posteriormente de qual maneira o estudo sobre o pagodão contribui para o entendimento das subjetividades dos alunos, e consegue abrir o debate sobre temas importantes e pertinentes para as Ciências Sociais em sua contemporaneidade.

Palavras-Chave: Educação; Pagodão; Interseccionalidades

O seguinte trabalho surge mediante a participação do grupo de pesquisa Territorialidade, Patrimônio e Violência no Recôncavo da Bahia coordenado pelo professor Drº Osmundo Pinho, e concomitadamente a atuação que o coletivo brincadeira de negão teve no Colégio Estadual Rômulo Galvão no município de São Félix, que fica localizado a cerca de 120 km da capital Salvador. O principal intuito do coletivo foi fazer uma produção de subjetividades masculinas racializadas categorizando as estruturas de sentimentos que articulam os sujeitos com às estruturas do Estado. O pagodão baiano que é comumente marginalizado e estigmatizado, dentro do coletivo Brincadeira de negão é utilizado como um meio para se chegar as conclusões de racialidades negras. Para a elaboração desses trabalhos no colégio, eram utilizados diversos artifícios; seminários, rodas de conversa, oficinas com grupos focais e etc.

O meu projeto de intervenção caminha pelo mesmo viés, porém com uma roupagem mais atualizada, por exemplo a escola campo é a mesma, mas o público mudou, e acima de tudo o pagodão também se transformou. Sendo assim, o intuito continua sendo pesquisar sobre as racialidades negras, mas também é de grande interesse entender como outros temas interseccionais se relacionam com a proposta,

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 23 à 26 de Julho de 2024.

como por exemplo a perpetuação das violências dentro do pagodão, machismo, homofobia, transfobia e violência de gênero, e como todos esses temas repercutem e reverberam dentro da sociedade.

Sendo assim, o projeto de intervenção tem como uma das premissas, identificar um objeto de pesquisa e em seguida aplica-lo em sala de aula. Obviamente levando em consideração que, esses tema devem se relacionar de alguma forma com os temas que estão sendo trabalhados em sala de aula. Um dos assuntos em questão dessa unidade é o de cidadania; a nossa participação individual e coletiva na sociedade civil.

“Cidadania é o status daqueles que são membros de uma comunidade e são por ela reconhecidos. É, também, o conjunto de direitos e deveres que um indivíduo tem diante da sociedade da qual faz parte. [...] Assim, cidadania é uma noção construída socialmente e ganha sentido nas experiências sociais e individuais. Por isso, será aqui compreendida com uma identidade social política.” (COSTA, IANNI, 2018).

O pagodão antigo e a perpetuação das opressões

O pagodão baiano é um gênero musical surgido em meados dos anos 90 na Bahia, que conta com diversas influências musicais incluindo o samba de roda, samba duro, pagode, e etc. Dos principais nomes é possível destacar Black Style, Fantasmão, Saiddy Bamba, Pagod’art, Igor Kanário e entre outros.

“Quando os negros foram alforriados pela Lei Áurea em 1.888, boa parte foi morar nos morros do Rio de Janeiro, mas levaram consigo um ritmo que lhes caracterizava como povo. Não obstante, a música aqui era marcada apenas pelas batidas dos instrumentos de percussão, denotando assim o caráter intrínseco com as religiões afro como a umbanda e o candomblé. Foi com a sua chegada às favelas e a sua união com o estilo de vida que lá encontrou que o samba se reinventou. Para Tinhorão (2012), foi o primeiro gênero de canção da música popular, e é um desdobramento das rodas de batucada que aconteciam nos pagodes” (FELIZOLA; MACHADO; MELO; SANTOS,2014)

Os temas abordados dentro do gênero costumavam variar, em alguns momentos eram cantadas músicas com um caráter mais humorístico, contendo letras repletas de duplo sentido e permeados de sexualização, e em outros momentos podíamos encontrar canções que falavam sobre as desigualdades sociais e a ascensão das pessoas que vem da periferia.

A minha prima trabalhava numa firma chamada "Você tá"
 Não era carteira assinada, o bagulho era tudo na treta
 Mandaram ela embora, sem nenhum centavo
 Não deram a moral

Só dei um conselho pra ela!
 Prima! Bota você no pau!

Bota você tá no pau
 Bota você tá no pau
 Bota você tá no pau

Você tá no Pau - Saiddy Bamba

Com um conceito renovado andaré nossa nação
 sou filho de preto quero respeito
 quem mora no guetto, não é ladrão!
 Não, não, não!

Na favela, lá no morro.
 No Lobato, na Fazenda Coutos
 No Retiro, quem atirou?
 Eu quero saber quem pintou o Castelo de Branco.

Na senzala do Barro Preto todo mundo é irmão.
 Tá na cara, tá no coração
 no cabelo, na pele, no compasso.
 Sou eu Fantasmão!

Conceito - Fantasmão

“O pagode era, em sua figuração baiana nos anos 1990, um padrão musical resultante da síntese de diversas expressões cultivadas nas periferias urbanas de Salvador, particularmente entre os anos 60 e 80 do século XX, quando a cidade conhece um surto de urbanização. Destacava-se a base rítmico percussiva, o discurso jocoso e debochado presentes no samba de roda do Recôncavo Baiano e referências harmônicas do partido-alto, vindas do Rio de Janeiro.”
 (RODRIGUES, Fernando, 2020)

O ritmo diásporico é algo impossível de não ser notado dentro do pagodão, em meados dos anos 90 o pagode foi impulssionado nacionalmente pelas bandas É o tchan, Harmonia do Samba, e Gera Samba. A percussão e o repique que foram um dos

principais responsáveis por levaram o pagodão a ascensão, também criaram diversas ramificações e vertentes para o gênero musical.

“Segundo profecia iorubá, a diáspora negra deve buscar caminhos discursivos com atenção aos acordos estabelecidos com antepassados. Aqui, ao consultar quem me é devido, Exu, divindade africana da comunicação, senhor da encruzilhada e, portanto, da interseccionalidade, que responde como a voz sabedora de quanto tempo a língua escravizada esteve amordaçada politicamente, impedida de tocar seu idioma, beber da própria fonte epistêmica cruzada de mente-espírito”. (AKOTIRENE, Carla, 2020)

Tal tema é de suma importância para pensar que o pagodão pode ser visto em uma encruzilhada por dois viés principais; o de perpetuação de opressões (que podem variar de gênero e sexualidade), e por um ponto de vista de auto-afirmação da sua identidade enquanto sujeito negro.

“Uma das letras em que a questão da identidade racial aparece de maneira mais audível, para não dizer literal, é na letra de Se assumo, da banda Sam Hop, cujo título já declara a ligação entre o “samba” e o “hip hop”. Nela, há uma convocação para que os negros, principalmente da cidade de Salvador, observem seus traços e, no lugar de investir no branqueamento estético, valorizem as marcas de sua negritude.” (SOUZA, Arivaldo; SOUZA, Tedson, 2019)

Eddycity por exemplo, vocalista da banda fantasmão sempre fez questão de exaltar os traços da beleza negra, a importância da auto-afirmação e como a diáspora que corria nas suas veias era responsável pela construção da sua identidade, sendo Fantasmão a primeira banda a utilizar pinturas étnicas em cima do palco. Em contraponto, em algumas canções o cantor reforçava alguns estereótipos de performances da sexualidade masculina.

“A orientação dessa nova vertente de pagode é a reafirmação da raça e da masculinidade através de reforços de traços construídos pelo ideal hegemônico do “macho”, mas para quem e como ela tem sido feita? [...] só podemos responder que o projeto que se desenha nessa música com reclames identitários e de masculinidade é um projeto para negros heterossexuais que deixam de fora a mulher negra e/ou homossexual e o homem negro homossexual. . Entretanto a declaração de Eddy de que “homem que é homem não rebola” não é pacífica no meio do Pagodão.” (SOUZA, Arivaldo; SOUZA, Tedson, 2019)

Segundo (SOUZA, Arivaldo; SOUZA, Tedson, 2019), o Pagodão nos anos 2000 passa a ser permeada por questões da natureza social e racial, que não figuravam no repertório das bandas da década de 1990. Suspeitamos, contudo, que a ojeriza que se vai construindo a essas bandas decorre exatamente do incômodo com as injustiças

sociais, descontentamento com a violência policial, e a importância do reconhecimento e valorização da cultura negra em Salvador, essa terra que resguarda muita resistência e que foi palco de diversas lutas.

‘O pagode baiano tem várias dimensões ramificadas em cada parte do estado, e ele exemplifica como: “proibidão”, é o que acarreta palavrões e cita práticas sexuais, o “suave”, que seria o que tem enfoque em lançar músicas pensadas para coreografias, o “raiz” que é o que a banda Parangolé sempre trabalhou e popularizou no Brasil, em que o foco é falar sobre a cultura do povo preto, do povo baiano, sobre a resistência, o empoderamento, as lutas mas também da própria dança, a “bregadeira” que mistura ritmos como eletrônico, brega, e o próprio pagode’ (BARBOSA, 2023).

A sexualização e objetificação da mulher dentro do axé music e posteriormente dentro pagodão, foi um dos elementos cruciais para se pensar de maneira lúdica como o machismo atua dentro da sociedade, e concomitantemente como contribui para a desigualdade de gênero e perpetuação e manutenção das estruturas machistas.

“A objetificação do corpo feminino é uma das principais características patriarcais que coisifica a mulher como objeto de consumo, e que naturalmente está intimamente ligado à função do seu corpo enquanto mero objeto de prazer sexual masculino. Por conseguinte, esse olhar machista e sexista se reflete nas artes, que de uma forma direta reforça o poder de controle masculino sobre o corpo e a sexualidade femininos’ (SANTOS, Mirlani, 2017)

Metodologia e Aplicação:

A metodologia consistiu na aplicação de oficinas onde eram reproduzidos trechos de músicas do pagodão, e logo em seguida eram coletados questionamentos/indagações sobre as canções escolhidas. Com a principal finalidade de estimular para o debate de possíveis temas a serem trabalhados em sala de aula, ou seja, utilizar os recursos audiovisuais como um elemento extra, para aplicação de metodologias ativas dentro do ensino médio.

As oficinas eram divididas por temas, e os principais temas abordados foram: machismo, transfobia, desigualdades de gênero, desigualdades sociais e empoderamento feminino. As oficinas já continham possíveis intenções de debate, mas em sala de aula é muito comum lidar com improvisos, então a atribuição concreta dos significados ficava por conta dos alunos..

A proposta inicial de aplicação das oficinas, consistia em ser realizadas em três (ou quatro) encontros, porém por dificuldades de alinhar o calendário acadêmico com o da Escola--campo foi necessário fazer adaptações, isso é, condensar as oficinas em apenas dois encontros — O primeiro foi para colher informações escritas sobre o que eles entendem por pagodão/paredão, e um segundo momento, para reproduzir trechos das músicas e coletar oralmente quais sentidos eram atribuídos as músicas.

OFICINA I	TEMA: PAGODÃO/PAREDÃO
------------------	------------------------------

Fazer a pergunta: “O que você entende por paredão e pagodão?”

Objetivos Gerais: Tentar entender quais sentidos eles atribuem aos respectivos temas.

Objetivos específicos:

- Entender o que os alunos pensam sobre o pagodão.
- Descobrir qual o sentido/não sentido do pagodão.

Metodologia: Solicitar escreverem num papel o que eles entendem sobre determinado tema.

Falas coletadas a partir da escuta dos alunos

Aluno 1: “As letras das músicas do pagodão são muito baixas¹”
 Aluno 2: “Eu vejo que o pagodão vem mudando a vida de jovens da periferia”
 Aluno 3: “É uma cachorrada”
 Aluno 4: “Paredão é tudo de bom”
 Aluno 5: “Uma forma de expressão explícita sobre coisas banais e escrotas (coisa de foveiro, putaria)”
 Aluno 6: “É obsceno”
 Aluno 7: “Música”
 Aluno 8: “Diversão”
 Aluno 9: “Uma putaria”
 Aluno 10: “Estilo musical que na maioria das vezes as suas letras rebaixam as mulheres”
 Aluno 11: “Nada contra quem gosta, mas para mim é um tipo de música sem significado algum”
 Aluno 12: “Ridículo, uma coisa horrível”
 Aluno 13: “Baixaria”
 Aluno 14: “Músicas que contém letras escrotas e desrespeitosas”
 Aluno 15: “É um estilo de música que contém baixaria, entre outras coisas”
 Aluno 16: “Diversidade”
 Aluno 17: “É vida”
 Aluno 18: “O pagodão que tocam paredão pra mim é alegria uma forma de se divertir, pra quem gosta”

OFICINA II parte 1

TEMA: MACHISMO

Música utilizada: Machista não tem vez - A Dama

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=A1fFofv7kj4>

Objetivos Gerais: Abrir o debate sobre o tema machismo na sociedade brasileira.

Objetivos específicos:

- Entender o que os alunos pensam sobre o tema.
- A importância do empoderamento feminino no pagodão.
- Apresentar um pagodão com protagonismo feminino.

Metodologia: Reproduzir trechos das músicas, anotar o que foi entendido e em seguida abrir para debate.

Recursos didático-pedagógicos: Caixa de som e notebook.

Palavras-chave: Empoderamento; Liberdade sexual; Machismo

Falas coletadas a partir da escuta dos alunos

Aluno 1: “Todas as mulheres merecem respeito”

Aluno 2: “O pagodão não tem letra, é sempre a mesma repetição e é a música toda falando a mesma coisa”

Aluno 3: “As canções de pagode rebaixam a mulher, usando palavras de baixo-calão”

Aluno 4: “Não gosto muito de pagodão não”

Aluno 5: “No pagodão as mulheres que dançam estão se auto-menosprezando”

Aluno 6: “Como é que ela quer respeito, sendo que ela não se dá ao respeito?”

Aluno 7: “Acho que ela sendo mulher, deveria está incentivando as outras a não escutarem o gênero”

Aluno 8: “Acho que a música fala de um ponto de vista militante”

OFICINA III parte 2

TEMA: TRANSFOBIA

Música Utilizada: Surra de bunda nele - A travestis

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=HgVDPe0TSBI>

Objetivos gerais: Iniciar o diálogo sobre dissidências de gênero.

Objetivos específicos:

- Entender o que os alunos pensam sobre o tema.
- Estimular/combater a desinformação.
- Adentrar no tema das desigualdades sociais e prostituição decorrente da transfobia.

Metodologia: Reproduzir trechos das músicas, anotar o que foi entendido e em seguida abrir para debate.

Recursos didático-pedagógicos: Caixa de som e notebook.

Palavras-chave: Violência; Agressão; Opressão

Falas coletadas a partir da escuta dos alunos

Aluno 1: “A música trata sobre homofobia!”

Aluno 2: “É um gay cantando?”

Aluno 3: “Qual a diferença de trans para travesti?”

Aluno 4: “A música trata da diversidade”

Aluno 5: “A música fala sobre o preconceito”

Aluno 6: “A música fala que se chegar uma travesti no paredão ninguém vai respeitar”

Aluno 7: “Geralmente não respeitam, pois acham estranho”

Aluno 8: “Não conseguir emprego tem a ver com as desigualdades sociais, e também pelo fato de ela ser travesti”

OFICINA II parte 3**TEMA: DESIGUALDADES SOCIAL**

Música utilizada: Abaixa o preço do gás - A travestis

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=wTts9crx4r4>

Objetivos Gerais: Introduzir o tema sobre as desigualdades sociais em detrimento da identidade de gênero.

Objetivos específicos:

- Entender as motivações para a prostituição forçada
- Discutir sobre as desigualdades de gênero

Metodologia: Reproduzir trechos das músicas, anotar o que foi entendido e em seguida abrir para debate.

Recursos didático-pedagógicos: Caixinha de som e notebook.

Palavras-chave: Paredão; Militância; Prostituição

Falas coletadas apartir da escuta dos alunos

Aluno 1: “A música fala sobre pobreza”

Aluno 2: “Não dão uma importância significativa para as travestis”

Aluno 3: “A música fala sobre um tipo de prostituição por falta de oportunidades”

Pagodão moderno e as interseccionalidades:

De acordo com (AKOTIRENE, 2020) Antes de se preparar o pensamento feminista negro, a encruzilhada engolia oferendas analíticas contra nós, razão de depositar neste texto pontos de vistas produzidos pelas intelectuais negras, escrever preto-guês brasileiro, como Lélia Gonzalez, pensadora ameericana – já que neocolonizadores acadêmicos não podem abocanhar a interseccionalidade e nem sequer têm autoridade para dominar o ponto de vista feminista negro.

Com o passar do tempo o gênero foi se modificando, e se adaptando as diferenças. De certa forma se moldando para o novo, em nosso cenário atual existem mulheres, gays, lésbicas, travestis e até mesmo drag queens atuando e resistindo com sua artes dentro do pagodão. Levando em consideração os levantamentos e denúncias anteriores nota-se um grande avanço sistêmico, dos nomes atuais é possível citar, A dama, A travestis, Rai ferreira, Nininha problemática, Miguella Magnata e etc.

Por muitos anos se foi falado que o pagodão tinha um caráter apenas disruptivo de desvalorizar e objetificar os corpos femininos, porém com o decorrer do tempo se

iniciou um movimento de mulheres cantando sobre a liberdade sexual e o empoderamento pessoal referente aos seus comportamentos e vestimentas.

A cantora A dama citada anteriormente na oficina, é um grande exemplo desse avanço dentro do pagodão, a música utilizada em oficina abre espaço para diversas discussões, um traço muito importante é a sua auto-afirmação enquanto uma mulher negra, empoderada e favelada, ou seja, a artista utiliza dos seus marcadores socio-identitários enquanto uma afirmação política

“Sou a dama do pagode e não passo pano pra homem machista,
 Se tá de roupa curta (deixa ela usar)
 Se ta no paredão (Deixa dançar)
 Se ela quer beber (Deixa embrazar)
 Se não quer respeitar (vaza)
 Meu corpo minhas regras, todas mulheres merecem respeito
 Eu sento mesmo, eu rebolo mesmo, eu empino mesmo, chacoalho mesmo”
[Machista não tem vez - A dama]

A música traz contribuições sobre uma mulher negra que externaliza livremente sobre a sua sexualidade, e desmistifica as antigas letras de objetificação totalmente voltadas para a contemplação dos órgãos sexuais, entendendo que ela mesma exerce total direito sobre as suas ações enquanto um corpo feminino.

“A hipersexualização direcionada à mulher negra foi criada inicialmente a partir de sua objetificação no período escravagista, em que conduziu a outros séculos resquícios do racismo e do patriarcalismo. Desse modo, como o pensamento sobre a mulher negra foi voltado para a “coisificação”, a mídia obteve destaque principal na disseminação desse fenômeno, dando ênfase constantemente apenas ao corpo feminino negro e sua sensualidade”.
 (EZECHIELLO; VIANA; SANTOS,2019)

A apresentação da música traz uma diferente perspectiva de quebra para o argumento “O pagodão desvaloriza as mulheres”, nesse caso temos uma mulher falando sobre as suas vivências, e explicitando a importância do empoderamento feminino, esse movimento tem sido interessante para romper com alguns pressupostos reforçados dentro do pagodão desde o início de sua criação.

A travestis é uma cantora natural do Piauí, que se radicou em Salvador e vem ganhando cada dia mais espaço na mídia, com músicas que abordam explicitamente sobre liberdade sexual enquanto um corpo transexual, e que é atravessada por opressões em detrimento das dissidências de gênero, e até mesmo as desigualdades causadas por seus marcadores identitários.

“Em festa de paredão minha presença te incomoda,
 Tenta me esculachar, tenta me botar pra fora,
 Prefiro ir pra pista do que ficar contigo,
 Otário me perdeu, hoje eu dou pro seus amigos,
 Não vem com esse papinho que tu tá louca, uó
 Aceita eu to na mídia, de você só tenho dó.
 Mecheu com a travestis, coitado dele
 Se me agredir é surra de bunda nele, surra de bunda nele”.

[Surra de bunda nele - A travestis]

Foi de extrema importância trabalhar com essa música em sala de aula, pois a cantora através do humor consegue tecer críticas sobre a violência contra as mulheres transgêneros, e isso se agrava de maneira mais latente nas festas de paredão. Travestis dentro do pagodão não é algo novo, Leokret foi um dos grandes sucessos dos anos 2000, estar no pagodão e ter sua imagem respeitada enquanto uma mulher trans era algo totalmente novo pra época. A cantora estourou em meados de 2019, e desde então tem conseguido atingir diversos públicos, utilizando samples de músicas pop e ritmos percussivos do pagodão.

“O Paredão de Som. Ou de pagode, mais propriamente. A invenção, culturalmente motivada e sociologicamente situada, é antiga, dos anos 70, e remete ao sound system ancestral, que do caribe até Nova Iorque transformou a música ocidental com a invenção do hip-hop e a reinvenção do uso público do corpo e da rua”. (PINHO, 2016).

No âmbito das políticas de representação da diáspora africana o que representam os sound system, os paredões ou a aparelhagem” do Norte-Nordeste do Brasil, está implicado na assunção autoconsciente e reflexiva das contradições sócio-históricas, e do corpo negro racializado na moderna sociedade de classes global. (PINHO, 2016).

“No pagode baiano, a representação de homens negros e mulheres negras, não é diferente no imaginário social, tendo a hipersexualização e a criminalidade como fatores ligados a quem dança essa expressão. São classificações como essas, que reduzem, estigmatizam e colocam as pessoas que se relacionam com essa manifestação cultural em um lugar de imoralidade” (SANTOS, Everton, 2022)

Nesse momento inicial irei me ater sobre comentários profundos referente a cultura de paredão, que é um elemento de grande discussão, comumente veiculado pela mídia com o crime organizado, posicionamentos que só contribuem com a estigmatização da marginalização do sujeito negro.

“Como estratégia adotada pela grande mídia para manter o status quo, reforça-se a imagem historicamente estigmatizada do(a)s negro(a)s, que permanecem associado(a)s a antigos estereótipos que o(a)s consideram delinquentes ou o(a)s mantêm na mais profunda invisibilidade. Perduram os ecos daquela mentalidade que vigorou no período pós-abolicionista e propagou, de maneira sutil e velada, as ideias de que existe uma hierarquia entre as raças, sendo superior a branca e inferior a negra.” (ANGELIM; SANTANA; SILVA, 2018)

A segunda canção escolhida, caminha pra um lado mais crítico na canção “Abaixa o preço do gás”, a Travestis satiriza o aumento abusivo do gás de cozinha no governo passado, como isso foi um dos pontos principais para acentuar a fome e as desigualdades sociais no Brasil

De certa medida, ela também critica de maneira inteligente como as desigualdades atingem o Brasil, e principalmente corpos específicos (os que divergem). Segundo dados de 2018 do g1, cerca de 90% das travestis e transexuais do país sobrevivem da prostituição, esses dados são tristes e alarmantes, tendo em vista que esses corpos muitas das vezes precisam se sujeitar a prostituição em detrimento da falta de oportunidade de emprego e oportunidade.

Considerações Finais

Conquanto o principal intuito do projeto de intervenção, foi de apresentar outras possibilidades de implementar o debate de gênero e sexualidade dentro da sala de aula, usando como um dos artifícios o pagodão que é um gênero bastante canônico no Recôncavo Baiano.

Levando em consideração, o pagodão recebe muitas críticas por soar repetitivo e ter um caráter menosprezatório, mas acredito que a diáspora atinge de uma maneira muito mais forte, o rimo que embala os carnavais e as festas de rua se torna um meio emancipatório e um dos agentes principais para a inclusão de corpos racializados.

“A interseccionalidade, conforme vimos, nos coloca na encruzilhada do pensamento feminista negro. É possível, embora ilegítimo, identidades políticas se alimentarem da interseccionalidade na ausência do feminismo negro, é possível evitar a interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw para não legitimar usos brancocêntricos. Falo isto sabendo que, na crítica das feministas à ciência, defendemos a validade das experiências como conhecimentos situados constituintes do projeto intelectual emancipatório, que a boa ciência está ancorada na parcialidade, na provisoriedade, na instrumentalidade teórica, sem finitude característica do homem moderno heteropatriarcal.”

O que me remete de imediato ao quilombismo Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no

progresso humano e sócio-político em termos de igualitarismo econômico (NASCIMENTO, Abdias, 2002).

A cultura de paredão, embora sofra bastante marginalização, é um dos meios de entender como a sociedade brasileira opera, como as desigualdades acontecem, e destarte como a violência e formas de opressão atuam.

É interessante fazer um apanhado do pagodão antigo. para entender o pagodão contemporaneo, com a finalidade de notar o que avançou e o que retrocedeu. Nota-se uma grande interseccionalidade, mas a falta de oportuniade de ascensão social por conta do ritmo das mulheres é um problema recorrente.

“A validação, valorização, acolhimento, preparação, diálogo e inserção precisam começar na formação do professor para que, assim, possamos aplicar metodologias e estratégias que instauram o ensino e aprendizagem da nossa cultura na educação.” (FREIRE, 1987).

(BARBOSA, Josielle, 2023), se desdobra a questionar em seu tcc por que a swingueira não está nas práticas e no processo de formação e aprendizagem do professor em formação? Por que a swingueira não consegue se efetivar nas escolas e no meio artístico?. E ao final conclui que a validação, diálogo e inserção precisam começar na formação do professor para que, assim, possamos aplicar metodologias e estratégias que instauram o ensino e aprendizagem da nossa cultura na educação, de uma maneira que respeite as nossas subjetividades para assim de fato atingir os alunos de maneira efetiva.

Referências

Akotirene, Carla. Interseccionalidade / Carla Akotirene. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

ANGELIM, Yanne; SANTANA, Bruna; SILVA, Evertno. Negro(a)s na mídia brasileira: estereótipos e discriminação ao longo da formação social brasileira. 54 • Lutas Sociais, São Paulo, vol.22 n.40, p.52-66, jan./jun. 2018

Barbosa, Josielle. A invisibilidade da swingueira na academia: ações decoloniais no ensino e na aprendizagem / Josielle Barbosa - Recife, 2023. 28 p.

COSTA, M.I.S., and IANNI, A.M.Z. O conceito de cidadania. In: Individualização, cidadania e inclusão na sociedade contemporânea: uma análise teórica [online]. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2018, pp. 43-73. ISBN: 978-85-68576-95-3. <https://doi.org/10.7476/9788568576953.0003>. de Janeiro: Fundação Palmares / OR Editor Produtor, 2002, p. 269-274).

EZECHIELLO, Rafaela; VIANA, Ana; SANTOS, Cristiane. A HIPERSEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA. Volume 9, Materializando conhecimentos {revista eletrônica} Outubro de 2019.

Freire, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

MACHADO, Ana; MELO, Allana; SANTOS, Ana; FELIZOLA, Diego; SANTANA, Rômulo [et all]. A COISIFICAÇÃO DA MULHER NO GÊNERO SAMBA, SUBGÊNERO PAGODE, E O SEU REFLEXO NO COMPORTAMENTO MASCULINO NA SOCIEDADE BRASILEIRA. Ciências Humanas e Sociais Unit | Aracaju | v. 2 | n.2 | p. 43-55 | out. 2014.

NASCIMENTO, Abdias. O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. 2. ed. Brasília / Rio.

RODRIGUES JESUS, Fernando. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 2, p. 89-116, jul./dez. 2020.

SANTOS, Mirlani. A OBJETIFICAÇÃO DA MULHER EM LETRAS DE PAGODE BAIANO. [tese de tcc] - Universidade Estadual de Feira de Santana. 2017

Santos, Everton Bispo dos. A dança do pagode baiano na escola: o corpo negro periférico e sua intersecção nesses contextos / Everton Bispo dos Santos. - 2022.

SOUZA, Arivaldo; SOUZA, Tedson. “QUEM GOSTA DE HOMEM É GAY, MULHER GOSTA DE DINHEIRO”: CONFIGURAÇÕES DE MASCULINIDADES NO PAGODÃO SOTEROPOLITANO. Seminário internacional enlançando sexualidades Salvador, set/2011.